

O choque dos amigos de Ibsen

O ambiente político está muito carregado. De sexta-feira para cá, surgiram as denúncias contra Ibsen Pinheiro, Fernando Henrique Cardoso e Joaquim Roriz, os tiros de Ronaldo Cunha Lima em Tarçísio Burity, a entrevista do empreiteiro Cecílio Rêgo de Almeida, as ameaças anônimas de morte endereçadas a alguns deputados, a suspeita de participação de quatro deputados no desaparecimento de Ana Elisabeth Lofrano, mulher do delator do escândalo do Orçamento, José Carlos Alves dos Santos, e a ameaça dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema de paralisar as máquinas em apoio à apuração da corrupção e em defesa da democracia.

De todos os episódios, o caso de Ibsen é seguramente o que causa maior comoção, pois o de suposta sonegação fiscal do ministro Fernando Henrique na compra e na administração de uma fazenda não tem consistência. As explicações do ministro desmontam a denúncia.

Como presidente da Câmara dos Deputados, ao conduzir a fase inicial do processo de *impeachment* por corrupção de Fernando Collor, a sua vida foi rastreada pelos amigos do presidente, à procura de irregularidades. Eles diziam que tinham um dossiê contra Ibsen, mas nada de convincente foi apresentado.

Ibsen tornou-se um ponto de referência do Congresso e do PMDB. Era nome tão forte para presidir a revisão constitucional que só o atrapalhava o fato de ser do mesmo partido do candidato ainda mais forte a relator, o seu amigo e conterrâneo Nelson Jobim. Ibsen era candidato a presidir o PMDB ou a República, ou a governar o Rio Grande do Sul.

A imagem do político honrado e inatacável, transmitida por Ibsen, sofreu os primeiros arranhões com a denúncia ainda genérica de

José Carlos Alves dos Santos de que ele estava envolvido com a quadrilha de João Alves e com as informações da ex-mulher do deputado Manoel Moreira, Marinalva Soares da Silva, de que o ex-presidente da Câmara era muito amigo de todos os *anões* do Orçamento, como ela constatou numa viagem que fizeram juntos às Ilhas Gregas.

A descoberta de cheques no valor de US\$ 51 mil na conta bancária de Ibsen, oriundos das contas de João Alves e Genebaldo Correia, foi um duro golpe para os amigos e admiradores de Ibsen. Ficaram todos arrasados, sem entender como um homem de vida pública exemplar pudesse ter uma vida privada com tamanha mancha.

Ibsen demorou a se explicar. Ficou de fazê-lo hoje, quatro dias depois do aparecimento dos cheques. Genebaldo saiu na frente a sustentar que a sua amizade com Ibsen é tão antiga e tão ampla que envolve mesmo relacionamento financeiro. Pode não ter sido uma boa defesa para Ibsen, diante das acusações que pesam também sobre Genebaldo.

De qualquer forma, Ibsen ainda tem a chance de explicar a origem de um depósito correspondente a mais de um ano de seus vencimentos de deputado. Ultimamente, ele vinha dizendo aos amigos mais próximos que era terrível ter a consciência tranqüila. Os outros, os culpados, apareciam por aí com a maior cara-de-pau, confessando inocência, sem parecer que sofriam tanto quanto ele, Ibsen.

É possível arranjar uma prova ou uma desculpa para uma transação financeira, mesmo de US\$ 51 mil. Os estragos políticos seriam menores. Mas se a CPI descobrir mais cheques da máfia do Orçamento em sua conta bancária a carreira política de Ibsen estará encerrada.